

AVENIDA DR. ANGELO SIMÕES

Ato nº 25 de 29-06-1931

Formada pela avenida "1" do Jardim Leonor - continuação

Início na avenida Monte Castelo

Término na avenida Dr. Celso da Silveira Rezende
Jardim Leonor

Obs.: Ato assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Orosimbo Maia. Esta rua era chamada de Travessa da Abolição. Era também conhecida por última travessa da rua Barão de Jaguará. Foi por muito tempo conhecida como Travessa Reynaldo de Moraes.

DR. ANGELO SIMÕES

O Dr. Angelo Jacinto Simões Junior nasceu no Rio de Janeiro a 02-outubro-1860 e faleceu em Campinas a 20-outubro-1907. Era filho de Angelo Jacinto Simões e Laura de Souza Simões e foi casado com Francisca Coutinho d'Ávila Simões com quem teve sete filhos. Fez seus estudos de humanidades no Colégio Pinheiros, matriculando-se em 1879, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, fazendo inicialmente o curso de Farmácia. Diplomou-se em medicina a 23-dezembro-1885 pela Faculdade da Bahia, para onde se transferiu no último ano do curso que fazia na Faculdade de Medicina do Rio, por motivo de saúde. Chegou à Campinas em 04-fevereiro-1886, já casado e de imediato iniciou suas atividades profissionais de médico, cirurgião e parteiro. Exerceu a medicina em nossa cidade como um sacerdote, por 20 anos, sendo sua clínica enorme, além de exercer o cargo de diretor-clínico da Santa Casa de Misericórdia, por duas vezes dirigir o Hospital da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência, ser médico do Asilo de Órfãos e de várias associações beneficentes. Durante as devastadoras epidemias de febre amarela em Campinas, prestou relevantes serviços à população, obtendo disso reconhecimento público, pois a Câmara Municipal o agraciou, como gratidão, com uma medalha de ouro. Era benemérito da Santa Casa, da Beneficência Portuguesa, da Sociedade Artística Beneficente, da Associação Beneficente "Salles de Oliveira", sócio-honorário do Circolo Italiani Uniti, onde também medicava e do Centro de Ciências, Letras e Artes, do qual foi um dos fundadores e um dos seus mais fortes sustentáculos. Como cientista fez parte da Academia Nacional de Medicina que o elegeu devido valioso trabalho sobre "Tratamento da Febre Amarela, pela água clorada", impresso mais tarde no Rio de Janeiro, foi secretário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas, membro da Comissão Permanente do Instituto Pasteur, sócio correspondente de várias associações científicas nacionais e estrangeiras e ex-membro da Comissão Muni

pal de Higiene. Além de numerosos artigos publicados na imprensa, deixou o Dr. Angelo Simões um grande número de trabalhos médicos e científicos publicados na revista de Centro de Ciências e em revistas médicas do país. Na política, filiou-se ao Partido Liberal, conservando-se fiel à causa monárquica, mesmo após o advento da República, em 1889, e dirigiu o diretório do Partido em Campinas. Foi delegado de polícia e intendente municipal, logo após a proclamação da República, e eleito vereador, no pleito de 31-10-1904, para a 33a. legislatura de 1905 a 1907, tendo seu Partido eleito um terço da Câmara Municipal. No domingo, 20-outubro-1907, o Dr. Angelo Simões após suas habituais visitas aos doentes e haver, despreocupadamente, conversado nas ruas com vários amigos, dirigiu-se ao seu consultório. Ao cair dessa festiva tarde de Campinas, uma notícia explodiu qual uma bomba: "O Dr. Angelo Simões suicidou-se!" A notícia levou o pasmo e a dor a todos os que antes se divertiam, fazendo, de imediato, esmorecer a alegria e as festas daquela dia na cidade. Em reunião da Câmara de 16-dezembro-1907 o vereador Cândido Egídio de Souza Aranha, propôs que seu nome fosse dado a uma das ruas da cidade, o que foi aprovado e na sessão de 20-abril-1908, o então presidente da edilidade Dr. Antonio Alves da Costa Carvalho, solicitou fosse o seu retrato inaugurado na sala de sessões, com aprovação, retrato que foi pintado pelo pintor português Agnelo Corrêa.

sempre tornou sua vida um verdadeiro martírio, haja visto que em 1907 de todos os sete filhos que tivera, apenas sobrevivera a senhorinha Angelina. Isso, para um coração de pai e principalmente de um médico dedicado como sempre foi, a salvar vidas alheias, deveria ter custado o sacrifício imenso de se tornar em um torturado da própria vida pois que, em sua luta cruenta contra a morte, não pudera retê-la na sua sombria missão de ceifadora de vidas sentindo na própria carne a desgraça ferindo-o tão cruelmente.

Do discurso pronunciado em sessão solene no "Centro de Ciências Letras e Artes" pelo seu orador interino, o jornalista Henrique de Barcelos que, então, substituiu em 1907 ao dr. Raul Soares de Moura, destacamos "que a vida clínica do dr. Angelo Simões foi toda cheia de altruísmo e abnegações por espaço de duas décadas completas, sempre presente ao espírito dos campineiros, principalmente daqueles que lhes foram contemporâneos, pois que, atravessando todas as epidemias que assolaram Campinas desde 1889, prestou o dr. Angelo Simões relevantíssimos serviços tanto à população da cidade como aos enfermos de dois hospitais, serviços que lhes valeram o título de benemerito da Irmandade da Misericórdia e da Beneficência Portuguesa, além de medalha de ouro comemorativa, dada pela municipalidade como "homenagem de Campinas agradecida." Vale destacar que em 2 de janeiro de 1888 officiava êle à nossa edilidade: "em resposta ao officio desta Câmara em que comunica sua nomeação de membro da Comissão de higiene, em substituição ao seu distinto colega dr. Antenor Guimarães, declarando aceitar a nomeação e agradecendo esta lembrança espontânea, asseverando que procurará corresponder ao zelo e dedicação com que seu illustre colega a que vem de succeder se desempenhou."

O povo, no entanto, não satisfeito com essa homenagem, aliás honrosíssima, da parte da Câmara Municipal (conferência da medalha), quiz por seu turno demonstrar em estrondosa manifestação, quanto era grato ao dr. Angelo Simões, e tendo à sua frente uma banda de música foi, depois de percorrer várias ruas da cidade, entregar ao illustre clínico um precioso mimo em atenção aos relevantes serviços prestados à pobreza desamparada, e, dizia-se desamparada porque os recursos por ocasião da epidemia faltavam de todos os lados e as comissões de socorros eram insuficientes para acudir a todos os infelizes. Data dessa época o prestígio do dr. Angelo Simões no seio do povo campineiro, prestígio que se foi afirmando cada vez mais, não só pela sua competência de clínico como pela fidelidade política às suas crenças de outrora.

Relembre-se que em sessão da edilidade, de 5 de agosto de 1889, passada a tempestade de misérias, luto e dôr sobre a cidade de Campinas, o

O DR. ANGELO (JACYNTHO) SIMÕES

O dr. Angelo Jacynto Simões nasceu no Rio de Janeiro, em 2 de outubro de 1860 (há biografias que afirmam ser dezembro), sendo filho legítimo do casal Angelo Jacynto Simões e d. Laura Simões. Foi casado com a exma. sra. d. Francisca Coutinho D'Ávila Simões, senhora de distintas qualidades, havendo dêste consórcio sete filhos dos quais em 1907 apenas vivia a senhorita Angelina Simões, que contava, então, 14 anos de idade. Tendo feito com brilhantismo seus estudos de humanidades no extinto colégio Pinheiro, estabelecimento de grande nomeada no tempo do Império, matriculou-se o dr. Angelo Simões em 1879 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seguindo à princípio o curso de farmácia. Diplomado em medicina em 23 de dezembro de 1885 pela Faculdade de Medicina da Bahia, tendo feito, entretanto, todo o curso médico na Faculdade da Côte, donde se afastou no último ano por motivo de moléstia, chegou o dr. Angelo Simões à Campinas em 4 de fevereiro de 1886 com a sua exma. família que se compunha, então, de sua esposa e três filhinhos, dos quais o mais velho tinha, sòmente, três anos de idade. Logo no dia seguinte ao de sua chegada, as três fôlhas locais, então existentes, fazendo referências ao môço recém-chegado, inseriram na secção competente o anúncio de sua tenda de trabalho, onde, na qualidade de médico, cirurgião e parteiro, o dr. Angelo Simões oferecia os seus serviços a quem dêles precisasse, travando desde logo conhecimentos com jornalistas então militantes em nossa imprensa, aos quais desde então cativou. Dias mais tarde (20 de fevereiro) apresentava êle seu diploma para o devido registro junto à Câmara Municipal, como era de praxe, tendo se inscrito seu nome por inteiro "Angelo Jacynto Simões Júnior), médico formado pela Academia da Bahia."

Já no ano seguinte era seu nome lançado como contribuinte do impôsto que então se pagava para término das obras da Catedral de Campinas, contra o que reclamou, pois que, o mesmo "havia fixado residência aqui no ano anterior". A fatalidade, no entanto, marcou a vida do grande médico com o ferrête da desgraçada vida que teve como pai, roubando-lhe pouco depois nada menos de três de seus filhos no curto espaço de seis meses, o que para

AVENIDA DR. ANGELO SIMÕES

(Ato de 25 de 29-06-1931)

ANPV 1.407-3



sr. Tenente Abreu, então vereador, propôs que em atenção aos relevantes serviços prestados pelos srs. drs. Angelo Simões, Melchert e Guilherme da Silva na infeliz quadra da epidemia porque passou esta cidade, em homenagem àqueles cidadãos fossem dados à rua do Bom Jesus (Avenida dr. Campos Sales), do Rosário (Avenida Francisco Glicério) e Luzitana (conserva o mesmo nome — 1965), os nomes daqueles médicos. Requerida urgência e concedida, posta em discussão e vivamente debatida não foi a idéia aceita pelos votos contrários dos drs. Ricardo Gumbleton Daunt, Capitão José Bento, Antônio Alvaro de Souza Camargo e dr. Salvador Penteadó.

Pouco antes, em sessão da Câmara Municipal, quando se tratava de homenagear o médico que se entregara inteiramente à Campinas, usara da palavra o sr. José Paulino Nogueira para, em locução entusiástica, saudar o ilustre sacerdote da medicina, entregando-lhe um rico anel com pedra de brilhante e um pequeno estandarte de setim branco (seria fâmula de nossos dias), com os dizeres "Ao benemérito clínico dr. A. Simões-Campinas-1889. "Comovido, agradeceu o homenageado com palavras repassadas de carinho, manifestando-se toda nossa imprensa no dia seguinte, em termos encomiásticos ao evento agradável à cidade.

Quando passaram os primeiros dias da República que o Brasil ainda festejava com ruidosas manifestações, enquanto o povo campineiro, verdadeiro autor da propaganda mais intensa e calorosa que se fizera pela sua implantação, quando Campinas, de joelhos deplorava e chorava a sorte de seus filhos, surgiu breve incidente entre o nosso biografado e o então indigente sr. José M. Pereira Bueno, em virtude de ânimos exaltados daqueles que temiam a volta com maior intensidade da negregada febre. Então o representante do Governo municipal, pelas colunas da imprensa, investiu o ilustre clínico perguntando quem seria esse "qualquer" a que aludira o dr. Simões em artigo publicado na "Cidade de Campinas", esse qualquer que estava à frente da Intendência campineira! Afirmava, então, o sr. Bueno que "esse qualquer" consistia nos nomes inpolutos dos drs. Antônio Alves Lobo e Tomaz Alves, sendo que êle, Bueno, tinha seu a cargo as obras públicas e por isso não tinha tempo para se envolver com médicos, farmácias e defuntos, logo, não se poderia pensar em mandar aviar as receitas dêle, dr. Angelo, em farmácias públicas por conta dêle Bueno e terminava afirmando: "Não tenha medo de minha pessoa, não fuja e diga tudo logo a quem o fôr tocar." A questão continuou por dias e (18 de maio de 1890) já havia se participado à cidade de grave ocorrência em que se afirmava que o dr. Simões fôra "chicoteado" por um outro médico, seu adversário por

questões da febre amarela". E um senhor, Gavroche, então, pelas colunas da seção livre do "Diário de Campinas" escreveu uns triolés em que se dizia dentre outras coisas: "que mesmo com os "pés" quebrados-meus triolés são lições"... em seguida continua com mais outras doze estrofes desancando o médico da Santa Casa afirmando em alguns dêles: "Depois de invocar a musa, deveria aí comparecer. Traze-me aqui Dom Simões, montando no meu cavalo, quero ó Musa contemplá-lo... Traze-me aqui Dom Simões, montando no meu cavalo... Dizem que é "valiente", o nosso caro doutor... Que é dos homens, terror... Dizem que é "valiente" o nosso caro doutor... que é dos homens terror... mas, que um dia, de repente, perdêra o sangue e o valor, dizem que é muito "valiente" o nosso caro doutor... Um dia teve uma luta, meu Deus que luta tamanha; achou-se em palpos de aranha. Um dia teve uma luta, bebeu de um trago a cicuta e dizem, perdeu a manha... Um dia teve uma luta, meu Deus que luta tamanha..."

Esses versos referiam-se a uma briga que o médico tivera com o seu colega e afirmava-se que o mesmo fôra chicoteado pelo seu adversário a quem se apelidava de dr. Clôro" tal a grande aplicação que fazia desse específico de várias doenças. E terminava o "escritor" da verina: "Ó Musa da Pagodeira, de saia curta e decote... Pergunta ao tal Dom Quixote, ó Musa da Pagodeira, mesmo em ar de brincadeira, pelo famoso chicote, ó Musa da Pagodeira, de saia curta e decote..."

E a brincadeira do verrineiro terminou por aí, sem maiores consequências. Naquele mesmo ano mudava-se o dr. Simões do antigo domicílio para a rua do Regente Feijó, n.º 45, na esquina da rua São Carlos (Mórães Sales), em antigo prédio já hoje derrubado pela picarêta do progresso.

Em 1898 (26 de fevereiro), Campinas tomava conhecimento, quem sabe pela primeira vez, de uma operação praticada pelo dr. Angelo Simões de um "carcinoma no seio esquerdo" de uma sua paciente espanhola de nome Isabel Fernandes, tendo lhe sido extraída tôda a glândula mamária bem como o "paquet" glândulo gorduroso que foram estirpados pelas mãos do famoso clínico e operador que no ato fôra auxiliado pelo seu colega dr. G. Boliger, passando a paciente muito bem durante as primeiras notícias publicadas pela imprensa. Si trazemos ao conhecimento de nossos leitores tal fato é porque pensavamos nós, como leigos, naturalmente, que o "carcinoma nos seios" fôsse novidade em 1966!

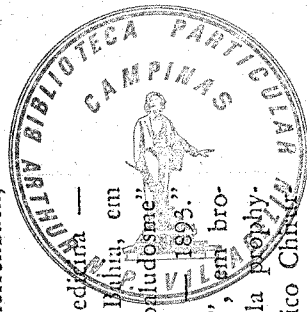
Seu trabalho e ópusculo "Tratamento da febre amarela pela água clorada" publicada em 1897 fêz com que o dr. Simões em sessão de 15 de

dezembro de 1896 fôsse eleito, por unanimidade, sócio correspondente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro (posso um número dessa publicação em meu arquivo, e pretendo oferecê-lo à nossa Academia de Medicina de Campinas). Criado nas idéias monarquistas, o dr. Angelo Simões logo que chegou à Campinas teve a direção do Partido Municipal, do qual não só faziam parte os republicanos opositores como, também, os monarquistas desejosos de prestar serviços ao país; foi Delegado de polícia e como tal teve de sufocar uma greve de cocheiros que ameaçava por longo tempo não dar condução a quem quer que fôsse; exerceu, finalmente, o cargo de Intendente Municipal resistindo, como os demais companheiros da Câmara à célebre tentativa de deposição que os contrários pretendiam levar avante ao tempo do dr. Américo Brasiliense. Concorrendo, mais tarde, a um lugar de vereador e chefiando o partido monarquista no pleito de 31 de outubro de 1904 teve a ventura de vêr o seu nome e de mais três companheiros sufragados por grande número de votos, constituindo os quatro monarquistas eleitos a minoria da Câmara de 1907, fato êste de tão alta significação tanto que no decurso de 18 anos de República foi Campinas a primeira cidade do Brasil onde o opposição conseguiu fazer o têço com adetos do partido do ex Monarca brasileiro. A sua passagem pela Câmara, fazendo parte dessa minoria, foi assinalada por serviços de real valor e não houve uma só sessão camarária em que o dr. Angelo Simões deixasse de tomar parte nos trabalhos, já apresentando indicações de utilidade prática, já discutindo assuntos de alta relevância municipal. Na qualidade de vereador, o dr. Angelo Simões soube angariar a estima de seus pares e sua palavra foi sempre ouvida com atenção, na defesa de idéias expandidas, levando-as a considerações de pareceres que emitia sobre a matéria a êle confiadas para estudos. Como médico possuiu o dr. Angelo Simões uma das primeiras clínicas da cidade, exerceu o cargo de diretor clínico do Hospital de Misericórdia, onde trabalhou cêrca de vinte anos ininterruptamente e sempre com a mais fervorosa dedicação, foi médico de várias associações beneficentes e por duas vezes dirigiu o serviço hospitalar da Sociedade Portuguesa de Beneficência, além de ter pertencido ao corpo médico do antigo "Circoli Italiani Uniti", hoje "Casa de Saúde de Campinas". Pelos serviços prestados à essas associações o dr. Angelo Simões foi benemérito da Irmandade da Misericórdia, da S. Portuguesa de Beneficência, da Sociedade Artística Beneficente Sales de Oliveira e sócio honorário do "Circoli Italiani Uniti" e do Centro de Ciências Letras e Artes, do qual foi, também, fundador e um dos mais fortes sustentáculos de tão útil agremiação científica e literária. Como cientista, o dr. Angelo Simões

fêz parte da Academia Nacional de Medicina, tendo em seu trabalho sobre "Tratamento da Fêbre Amarela, pela água clorada", publicado no Rio de Janeiro pela Tipografia Besnard Frères, 124, rua da Alfândega, 1897; foi diplomado pela Faculdade de Medicina da Bahia; membro da Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, médico efetivo do Hospital da Misericórdia, do Asilo de Órfãos e de várias Associações Beneficentes da cidade de Campinas; membro correspondente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, colaborador da "Revue-Médico Chirurgicale du Brésil"; ex-membro da comissão municipal de Higiene-1888-1889, examinador chefe da Equitativa dos Estados Unidos do Brasil, etc."

Como diretor do Centro de Ciências, Letras e Artes, do qual foi um dos fundadores ao lado de César Bierrenbach e outros elementos de valor da Campinas do comêço dêste século, remanescentes do anterior, o nosso biografado foi sempre assíduo e as atas que então redigia com o máximo cuidado davam evidentes provas de seu labor, tôdas elas escritas com cuidado excepcional, sem entrelinhas denunciando a falta de cuidado, claras como aquêle nobre espírito, retas como êle (Henrique de Barcelos), elaboradas com aquêle esmero que punha em tudo quanto fazia, até na roupa que usava. Quando aqui chegára em 1886 era um môço elegante e simpático, muito atraente pela sua despretençiosa conversação. Anos mais tarde, já radicado inteiramente em Campinas, estava indicado no fim de sua vida para ser presidente da entidade fundada por César Bierrenbach, o que, infelizmente, não aconteceu.

Publicou em tôda sua vida os seguintes trabalhos sobre medicina — "Hemorragias puerperais" — tese inaugural da Faculdade da Bahia, em 1885; "Du spasme de l'estomac comme manifestation larvée du paludisme" — memória publicada na "Revue Médico Chirurgicale du Brésil 1893." Pyrexias em S. Paulo — memória publicada no "Brasil Médico", em brochura, 1894. "De le valeur de la vaccine du dr. Freire dans la prophylaxie de la fièvre jaune" — memória publicada na "Revue Médico Chirurgicale du Brésil — 1895. — "Os primeiros casos de difteria tratados com o serum de Roux em Campinas" — comunicação feita à Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo e publicada nos boletins da mesma Sociedade, bem como em francês, na última revista citada — 1895. "Breves considerações sobre a obrigatoriedade da vacina Freire" — memória apresentada à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia — 1896. — "A fêbre marelada em Campinas, sua profilaxia e seu tratamento" — memória apresentada à Academia Nacional de Medicina como título de admissão do lugar de membro da mesma Academia e por eia aceita em sessão de 10 de dezembro



de 1896. "O arsênico como preventivo da fébre amarela; crítica de seu emprego" — Monografia apresentada e lida pelo autor na Academia de Medicina, em 17 de dezembro de 1896. "Magnetismo animal e suas diversas manifestações nas relações médico-legais". Discurso proferido no Centro de Ciências, Letras e Artes, em sessão de 26 de janeiro de 1902 por ocasião da discussão dessa tese e publicada não só na Revista do Centro, como no "Brasil-Médico" do mesmo ano. "Nôvo sinal da diagnose precoce da tuberculose pulmonar" — memória apresentada ao 5.º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, em junho de 1903, publicada nos boletins do Congresso e na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes. Quando de sua morte o dr. Angelo estava elaborando o desenvolvimento de uma tese de alta transcendência social e que iria apresentar ao 6.º Congresso de Medicina e Cirurgia que se reuniu na Capital, em setembro de 1907.

Em 20 de outubro de 1907, um domingo, o dr. Angelo Simões fez as suas habituais visitas aos seus doentes, conversou com vários de seus amigos, despreocupadamente, dentre eles com o seu velho amigo Henrique de Barcelos. Encontraram-se na rua Barão de Jaguará quando ia a caminho de seu consultório quando Barcelos lhe disse, estranhando, que suas visitas ultimamente estavam se rareando porque, havia até pouco tempo, eram elas cotidianas ao seu escritório e, por graça, lhe disse que atribuía sua ausência ao combate que então se travava pelo seu jornal contra o empréstimo que a municipalidade tratava de realizar naquele ano. Angelo, sorrindo, respondeu-lhe "— Olha, meu velho; deixa essa gente falar. É que não tem o que fazer." E com o seu andar lento dirigiu-se para os lados de seu consultório.

Havia na tarde dêsse mesmo dia uma festa estrondosa e concorridíssima no delicioso Bosque dos Jequitibás. Esplendia o sol, ameno era o dia sob aqueles arvoredos, alegre e descuidosa divertia-se uma multidão enorme. Era uma quermesse destinada a fins de caridade, para os quais o nosso excelente povo campineiro tem invariavelmente aberto o coração, abertas as dadivosas mãos. A tarde continuava deliciosa e mais ampla era a alegria estampada em todas as fisionomias quando, subito estourou uma notícia como si fóra um ráio. Estava Barcelos no salão do chalé assistindo a um "lunch" entre risadas e o clamor dos brindes, quando uma senhor, apertando as fontes com as mãos, com as lágrimas a correrem em fio pelo rosto, clamava com voz entrecortada pelos soluços — "O dr. Angelo Simões suicidou-se"! Estacaram todos pávidos de assombro. A notícia, levando o pasmo e a dor a todos os que momentos antes se divertiam, fez, imediatamente esmorecer a festa. Pelo caminho que vem daquele passeio à

cidade, bandos de homens, mulheres e crianças, uns chorando, outros compungidos com a notícia dirigiram-se todos à residência do querido e popular Angelo Simões. E, termina Barcelos seu discurso pronunciado no "Centro de Ciências" — "Havia para sempre fechado os olhos à luz um homem de ciência, que nunca recusara, durante tôda sua vida o seu saber aos mais humildes, que nunca puzera a sua mão em almoeda. Imagem da proviência, Angelo jamais conhecêra a balança que só existe no íntimo recesso de alguns, na qual há dinheiro em um dos pratos e no outro dedicação calculada ou a recusa do egoísmo."

Logo após sua morte a cidade ainda teve oportunidade de lembrar o nome do distinto médico quando, em sessão da Câmara Municipal de 20 de abril de 1908 o dr. Costa Carvalho, então vereador, em virtude dos serviços prestados pelo extinto médico à Campinas solicitou a inauguração do seu retrato na sala de sessões da edilidade, prestando-se idêntica homenagem ao dr. Manoel de Assis Vieira Bueno, sendo que o seu nome foi apontado, ainda, para figurar em uma das ruas da cidade, em 16 de dezembro de 1907, por solicitação do sr. Candido Egidio de Souza Aranha.

(O presente é uma cópia xerográfica das páginas 16 a 23 do Volume 22ª da obra "História da Cidade de Campinas" de autoria do historiador campineiro Jolumá Brito (João Batista de Sá), da Editora Saraiva, S. Paulo, 1966)



Nascido no Rio de Janeiro, a 2 de outubro de 1830, filho legítimo de Angelo Jacintho Simões e de d. Laura de Souza Simões, já fallecidos, o dr. Angelo Simões é casado com a exma. sra. d. Francisca Coutinho d'Avilla

Simões, senhora de distintas qualidades, havendo deste concubio sete filhos, dos quaes apenas vive a esbelta Angelina Simões, que com quatorze primaveras em sua vida, na existencia.

Tendo feito com brilhantismo seus estudos de humanidades no extinto Collegio Pinheiro, es tabeilecimento de grande nome da no tempo do imperio, matriculou-se o dr. Angelo Simões em 1878 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, seguindo a principio o curso de pharmacia.

Diplomado em medicina a 23 de dezembro de 1885 pela Faculdade de Bahia, tendo feito, entretanto, todo o curso medico na Faculdade do Rio, donde se afastou, no ultimo anno, por motivo de molestia, chegou o dr. Angelo Simões a Campinas no dia 4 de fevereiro de 1886 com sua exma. familia, que se compunha então do dr. Angelo, sua senhora e tres filhinhos, dos quaes o mais velho tinha apenas 3 annos de idade.

Logo ao dia seguinte de sua chegada as tres folhas locais, *Gazeta*, *Diario* e *Correio*, fazendo referencias ao moço recém chegado, inseriram na secção respectiva o annuncio de sua tenda de trabalho, onde, na qualidade de medico, cirurgião e parteiro, o dr. Angelo Simões offerecia os seus serviços a quem d'elles precisasse, e nós, que por essa occasião dirigiamos o *Correio de Campinas*, tivemos então a felicidade de travar conhecimento com o distincto facultativo, do qual até hoje só temos recebido provas da mais sincera amizade.

O que foi e o que tem sido a vida clinica do dr. Angelo Simões, toda ella cheia de abnegação e altruismo, até o momento actual, por espaço de duas décadas completas, está presente ainda no espirito dos campineiros, principalmente d'aquelles que lhe são contemporaneos, pois que, atravessando todas as epidemias que assolaram Campinas desde 1889, prestou o dr. Angelo Simões relevantissimos e invidiáveis serviços, tanto á população da cidade como aos enfermos de dous hospitaes, que na epidemia de 1889 estiveram sob sua direcção clinica, serviços que lhe valeu o titulo de benemerito da Irmandade da Misericordia e da Beneficencia Portuguesa além de uma medalha de ouro commemorativa, dada pela municipalidade, como homenagem de Campinas agradecida.

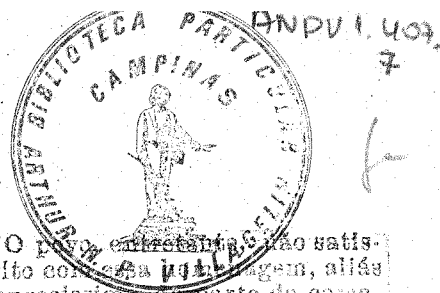
apresentada á Academia Nacional de Medicinas como titulo de admissão ao lugar de membro da mesma Academia e por elle aceita em sessão de 10 de dezembro de 1896.

O arsenico como preventivo da febre amarella: critica do seu emprego—Monographia apresentada e lida pelo autor na Academia de Medicinas, em sessão de 17 de dezembro de 1896.

Do magnetismo animal e suas diversas manifestações nas relações medico legais—Discurso proferido no Centro de Sciencias, Letras e Artes, em sessão de 26 de janeiro de 1902, por occasião da discussão dessa these e publicado não só na «Revista do Centro» como no «Brasil-Medico» do mesmo anno.

Novo signal de diagnose precoce da tuberculose pulmonar.—Memoria apresentada ao 5º Congresso Brasileiro de Medicina e Chirurgia, em junho de 1903, publicada nos «boletins» do Congresso e na «revista» do Centro de Sciencias, Letras e Artes.

Presentemente o Jr. Angelo Simões, segundo nos consta, está elaborando o desenvolvimento de uma these sobre assumpto de alta transcendencia social, para apresentar ao 6º Congresso de Medicina e Chirurgia que se reunirá na capital do Estado, em setembro proximo.



O dr. Angelo Simões não satisfeito com a honraria, aliás honorissima, da parte da camara municipal, quiz por seu turno demonstrar, em estroada manifestação, quanto era grato ao dr. Angelo Simões, e tendo á sua frente uma banda de musica, foi, depois de percorrer varias ruas da cidade, entregar ao illustre clinico um precioso mimo em attenção aos relevantes serviços prestados á pobreza desamparada, digo desamparada porque os recursos faltavam de todos os lados e as commissões de soccorros eram insufficientes para acudir a todos os infelizes.

Data desta época o prestigio do dr. Angelo Simões no seio do povo campineiro, prestigio que se tem firmado cada vez mais, não só pela competencia do clinico como pela fidelidade politica ás suas crengas d'outrora.

Creado nas idéas monarchistas, o dr. Angelo Simões, logo que chegou a Campinas, affiou-se ao partido liberal, um dos dous agrupamentos monarchicos de então, conservando-se fiel ao monarchismo até hoje, apesar do regimen republicano adoptado no Brasil desde 1889.

Como politico o dr. Angelo Simões já teve a direcção do partido municipal, e n Campinas, partido do qual faziam parte não só os repubblicanos opposicionistas como tambem os monarchistas, desejosos de prestar serviços ao paiz; já foi delegado de policia e como tal teve de suffocar uma grêve de cocheiros que ameaçava por longo tempo não dar condução a quem quer que fosse; exerceu, finalmente, o cargo de intendente municipal, resistindo, como os demais companheiros da camara, á celebre tentativa de deposição que os contrarios pretendiam levar avante, no tempo do dr. Americo Brasiliense!

Ultimamente concorrendo a um lugar de vereador, e chefian do partido monarchista no pleito de 31 de outubro de 1904, teve a ventura de ver seu nome e o de mais tres companheiros suffragados por grande numero de votos, constituindo os quatro monarchistas eleitos a maioria da actual camara, facto este de tão alta significação que, no decurso de 18 annos da Republica, foi Campinas a primeira cidade do Brasil onde a opposição conseguiu fazer o terço com adeptos da monarchia.

A sua passagem pela camara, fazendo parte da minoria mo-

AM



narchista, tem sido assignalada por serviços de real valor, e até hoje não tem havido uma só sessão camararia em que o dr. Angelo Simões deixa-se de tomar parte nos trabalhos, já apresentando indicações de utilidade pratica, já discutindo assumptos de alta relevancia municipal.

Na qualidade de vereador o dr. Angelo Simões tem sabido angariar a estima de seus companheiros de edilidade, e sua palavra tem sido sempre ouvida com attenção, quer na defesa de idéas que expanda, levando-as á consideração de seus collegas, quer na apresentação de pareceres que emitta sobre materias a seu estado.

Como medico, possui o dr. Angelo Simões uma das primeiras clinicas da cidade, exerce o cargo de director clinico do hospital da Misericordia, onde trabalha ha cerca de 20 annos ininterruptamente e sempre com a mais fervorosa dedicacão, é medico de varias associações beneficentes, e por duas vezes já dirigiu o serviço hospitalar da Sociedade Portugueza de Beneficencia.

Pelos serviços prestados a essas associações, o dr. Angelo Simões é benemerito da Irmandade da Misericordia, da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Sociedade Artistica Beneficente e da Associação Beneficente Dr. Salles de Oliveira e é socio honorario do Circulo Italiano Unico e do Centro de Sciencias, Letras e Artes, do qual é tambem fundador e um dos mais fortes sustentaculos de tão util aggremação scientifica e literaria.

Como cientista, o dr. Angelo Simões faz parte ainda da Academia Nacional de Medicina, na qual deu-lhe entrada o importante trabalho que escreveu sobre o tratamento da febre amarella, é secretario da Sociedade de Medicina e Cirurgia desta cidade, membro da Commissão Permanente do Instituto Pasteur e correspondente de diversas associações scientificas, quer do Brasil quer do estrangeiro.

Sem contar os innumerados artigos de valor, e respeito de materias diversas, publicados na imprensa leiga, o dr. Angelo Simões tem produzido os seguintes trabalhos sobre medicina:

Hemorrhagias puerperales—These inaugural da Facu'dade da Bahia, 1885.

Du spasme de l'estomac comme manifestation larvée du paludisme.—Memoria publicada na

Am

ARTO N. 23

(Denominação de ruas)

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, resolve :

Artigo 1.º — As vias publicas abaixo mencionadas ficam d'ora-avante, assim denominadas :

“Rua Dr. Betim”, a rua que vai da Avenida da Saudade, perto do antigo Hospital de Isolamento, á estrada de São Paulo, na Villa Marietta; — “Rua Antonio Lapa”, a 1.ª parábela á Rua Dr. Emilio Ribas, no Cambuhy, vulgarmente chamada rua Eça Esperanga; — “Rua Azarias de Mello”, a 1.ª rua parábela á rua Paula Bueno, no alto do Taquaral; — “Rua Barão de Piratinguy”, a rua que fica parábela á Antonio Bento (actual n.º 4) Chacara Lulú de Pontes, entre Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Dr. Silva Mendes”, a rua n.º 5, 2.ª parábela á Antonio Bento, entre as ruas Bueno de Miranda e Salles Oliveira; — “Rua Barão de Ibiungá”, a rua 8 da Villa Industrial, parábela á Antonio Alvaro, entre esta e a rua Salles Oliveira; — “Rua Jorge Miranda”, a rua conhecida com a denominação de Avenida do Saneamento que vai da rua Marechal Deodoro á rua Paula Bueno; — “Rua Sampaunho”, a rua hoje denominada Travesa Sampaunho, na Villa Póvoa (Cambuhy) parábela á Barroto Jene; — “Rua Americo Brasiliense”, a rua n.º 1 da Villa Almeida; — “Rua Dr. Delphino Ciotra”, a rua que fica entre José Paulino e Heicles Florence; — “Rua Falcão Filho”, a que vai da rua Marechal Deodoro a Heicles Florence; — “Rua Barata Ribeiro”, a que da Av. B. Libania vai á Itapura — 1.ª parábela á rua do Sacramento; — “Rua Dioguilho”, á rua entre as ruas Barão de Ataliba e Carlos Guimarães, no bairro do Cambuhy; — “Rua Oswaldo Cruz”, a rua 2.ª parábela á Baroneza Gerardo de Rezende — da rua Carlina Florence á Paula Bueno; — “Rua Padre Almeida”, a rua 2.ª parábela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Souza Lima”, a 3.ª parábela á Maria Monteiro, na Villa Almeida; — “Rua Dr. Rodrigues Alves”, a rua parábela á Estrada de Ferro Mogyana — Começa na rua Substiano Pontecado, no Jardim Paulista; — “Rua Julio Frank”, a rua que começa no cruzamento da rua José Paulino com a Avenida do Saneamento e vai terminar no antigo leito da Fiumense; — “Rua Roque de Marco”, a rua Bom Retiro, na Bêlia

Vista, começa na rua Carlos de Campos; — “Rua Quintino Bocayuda”, a rua actual 29 do Jardim Chapadão, que vem da estrada de rodagem até a Praça; — “Rua Dr. Braulto Gomes”, a rua travessa, da Bica, entre a Avenida da Saudade e a Estrada de Ferro Paulista; — “Rua Dr. Angelo Simões”, a rua que é da Avenida Saudade e vai á Estrada de Ferro Paulista, (conhecida por Travessa da Abolição); — “Rua Dr. Melcher”, a rua Travessa da Buarque de Macedo entre Carolina Florence e a Estrada de Ferro Sorocabana; — “Rua Guedes Barreto”, a travessa que vai da Avenida da Saudade á Estrada de Ferro; — “Rua Salles Leimé”, a 2.ª rua, a partir da Avenida da Saudade que atravessa a Avenida Dr. Betim na Villa Marietta; — “Rua Dr. Lopes Trovão”, a penultima travessa da rua Paula Bueno no Taquaral; — “Rua Dr. Octavio Machado”, a ultima rua, travessa da Paula Bueno, no Taquaral; — “Rua Coronel Moraes”, a 2.ª rua parábela á Fumilense e Buarque de Macedo, no Guanabara; — “Rua José do Patrocinio”, a rua marginal á Fumilense, no Guanabara, parábela á Col. Moraes; — “Rua D. Anna Euphrosina”, a rua 1.ª parábela á I.º de Março, no Guanabara, entre Buarque de Macedo e Fumilense; — “Rua Dr. Buarque de Macedo”, a rua conhecida já com esse nome, no Guanabara, entre Carolina Florence e Raphael Sampaio; — “Rua Mac-Hardy”, a rua n.º 2 do arruamento Picoletto; — “Rua Elias de Souza”, a rua parábela á Salles Oliveira, no começo do cruzamento das ruas Antonio Bento e Carlos de Campos; — “Rua General Bento Bicudo”, a rua situada entre a Avenida do Pará e a Estrada de Ferro Paulista — penultima travessa; — “Travessa Maria Monteiro”, a travessa parábela á rua Americo Brasiliense.

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades, a quem o cumprimento e execução do presente acto competir, que o cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nelle se contém.

Campinas, 29 de Junho de 1931.

Orosimbo Maia.

Publicado na Secretaria da Prefeitura em 29 de Junho de 1931.

O Secretario,

Anilar Alves.

